

## **O Estado de S. Paulo**

**5/1/1985**

### **Greve atinge Guariba e ameaça mais 20 cidades**

AGÊNCIA ESTADO

Cinco mil cortadores de cana entraram em greve ontem em Guariba, município de 20 mil habitantes, a 75 quilômetros de Ribeirão Preto, reivindicando melhores salários e a readmissão de 13 sindicalistas demitidos por uma usina de açúcar. Os piquetes começaram na madrugada e durante o dia o clima foi de muita tensão, mas não se repetiram os incidentes de maio do ano passado. À noite, no recém-criado Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, 2 mil trabalhadores decidiram estender a paralisação para mais cinco cidades da região e colocar cem mil bóias-frias em greve. Hoje, cortadores de cana de outras 20 cidades decidem se aderem à greve.

Já de madrugada alguns grupos tomaram as seis saídas da cidade, impedindo o tráfego de caminhões "pau-de-arara" que transportam bóias-frias para o campo. Todos os cinco mil que estão trabalhando na entressafra da cana-de-açúcar não saíram da cidade e os dois únicos veículos que conseguiram furar o bloqueio foram aconselhados, nas próprias usinas, a retornar para evitar violência. A maioria dos piqueteiros era parte dos mil desempregados que foram dispensados em outubro, com promessas de recontração no dia 2 de janeiro.

Mesmo as poucas pessoas que estavam dispostas a trabalhar cederam à determinação da assembléia de quinta-feira — onde 400 trabalhadores decidiram pela greve — e a polícia acompanhou apenas de longe a movimentação. Uma tropa de choque do 13º BPM de Araraquara colocou-se na delegacia de polícia, mas em nenhum momento entrou em ação. Um contingente de Ribeirão Preto está de prontidão para intervir, se for necessário, mas o capitão Milton Pink, comandante da 3ª Companhia do 13º Batalhão da Polícia Militar do Interior, disse que, por enquanto, a ordem é apenas proteger o patrimônio das usinas e da própria cidade, acionando seus 170 soldados "só em último caso".

### **Tensão é grande**

Desde às 4h da madrugada, quando começaram os piquetes, o clima foi de muita tensão no município e os moradores passaram o dia temendo que se repetissem os distúrbios do ano passado, quando uma pessoa morreu, 29 ficaram feridas, um supermercado foi saqueado e o prédio da Sabesp totalmente destruído pelos bóias-frias em greve, que aproveitaram o movimento para manifestar seu descontentamento pelo alto preço das tarifas de água. O prefeito, Evandro Vitorino, do PMDB, com viagem marcada para a Capital, deixou a cidade pela manhã e retornou no início da noite, dizendo-se muito preocupado com a situação.

As lojas comerciais abriram normalmente, mas os comerciantes ficaram alerta durante todo o dia para um possível saque, que acabou não acontecendo. "O pessoal" — disse José de Fátima Soares, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba — "já se conscientizou de que não deve agir contra a cidade, estragando tudo o que vê pela frente, mas sim contra os usineiros que são donos de todas as terras daqui".

Para hoje, porém, tanto a polícia como os dirigentes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado — Cetaesp — esperam muita violência entre bóias-frias e policiais. É que o Sindicato Rural de Jaboticabal enviou ontem telex para as Secretarias da Segurança Pública, do Trabalho, e para a Casa Civil do governo estadual, pedindo maior proteção às usinas "respeito aos direitos de ir e vir do trabalhador", numa clara referência para que a polícia aja com mais energia nos piquetes. O capitão Pink disse que se houver conflito entre os

piqueteiros, a polícia terá de intervir, e os sindicalistas advertem que isso poderá gerar muita violência, com conseqüências bem maiores do que na última revolta. Os bóias-frias prometem calma, mas desde que a polícia "não atire a primeira pedra", como explicou o sindicalista Elio Neves, de Araraquara.

### **Queima nos canaviais**

O comentário que mais se ouvia em rodas de bóias-frias — especialmente entre os desempregados — era o de que, se os proprietários das usinas São Martinho, São Carlos, Santa Adélia e Bonfim não absorverem toda a mão-de-obra imediatamente, eles atearão fogo nos canaviais. "Em épocas de colheita, fica mais fácil negociar, porque se a gente pára, não produzem o açúcar e têm prejuízos grandes. Agora que estamos plantando a cana, capinando ou trabalhando no amendoim não temos mais poder de barganha e o único jeito é botar fogo na cana que está crescendo", explicou um rapaz de 27 anos, casado, pai de dois filhos e desempregado há três meses.

Para evitar problemas mais graves, equipes de segurança das usinas já estão em pontos estratégicos que dão acesso aos depósitos de álcool e o Corpo de Bombeiros de Ribeirão Preto está de prontidão para qualquer eventualidade. "É bom que a polícia fique nos quartéis, longe dos piquetes, pois se entrar vai acabar tendo problemas e este pessoal aqui é bom de pancada", advertia Elio Neves, que também é diretor da Cetaesp.

### **As reivindicações**

A greve começou na quinta-feira, um dia após o vencimento do prazo dado pelas empresas para readmitir os desempregados e coincidiu com a demissão em massa da Usina São Martinho de Pradópolis, aparentemente sem motivos, de 13 dos 16 diretores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Estes, haviam rompido com a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, com área de atuação em Guariba, e decidiram formar uma nova entidade. Os sindicalistas reuniram parte dos bóias-frias, que passaram a impedir o tráfego de caminhões, só desistindo após a chegada da polícia. Ainda assim, cerca de mil aderiram ao movimento, no primeiro dia.

Além da contratação imediata para os sindicalistas demitidos e dos bóias-frias sem emprego, mais o reconhecimento do sindicato e livre acesso de seus diretores às usinas, os grevistas apresentaram mais nove reivindicações, que vão desde a instalação de tacógrafo nos caminhões até o cumprimento do chamado acordo de Guariba. Eles querem o fornecimento gratuito de equipamentos, jornada de 48 horas e que as usinas não busquem mais na próxima safra os 3 mil cortadores de cana de Minas, como é de costume. Pedem estabilidade no emprego por um ano e o pagamento dos dias parados, sem represálias.

A reivindicação principal, no entanto, é o reajuste de Cr\$ 10.300,00 para Cr\$ 17 mil na diária de trabalho, como já acontece em uma usina de Matão, o que está estimulando a adesão de outros sindicatos da região.

Nas duas assembléias realizadas ontem, com a presença dos deputados Waldir Trigo (PMDB) e José Cicote (PT) e membros da CUT e da Comissão Pastoral da Terra, dois mil trabalhadores decidiram pelo prosseguimento do movimento. Eles rejeitaram a proposta do sindicato patronal de que as negociações sejam feitas em São Paulo, entre a Faesp e a Cetaesp.